

## **O Diário de Ribeirão Preto**

**10/1/1985**

### **Marcelino lamenta a disputa entre políticos**

Pouco antes de embarcar para Brasília, onde ontem esteve para reiterar sua solidariedade ao candidato Paulo Maluf, o deputado Marcelino Romano Machado manifestou ao "Diário" sua apreensão com relação ao encaminhamento dado aos problemas dos rurais nesta região, notadamente em Guariba.

"O que se observa — observou ele — é uma batalha entre políticos com cada um procurando tirar maiores proveitos do drama enfrentado pelo trabalhador eventualmente desempregado".

Segundo o parlamentar o que se assiste, nesta região "é uma prova a incompetência do governo estadual em dar equação aos problemas sociais. A presença do secretário Pazianotto com a sua proposta de Fundo de Solidariedade é, no mínimo, demagógica, a solidariedade que os trabalhadores pleiteiam e merecem é o direito de trabalhar e honradamente conseguirem o sustento necessário à suas famílias.

Para Marcelino "a ação dos políticos ligados ao governador, ao secretário do Trabalho e ao PT não tem sido de buscar o desarmamento de espíritos e condições para uma paz social duradoura: o que há é o incentivo a greves indevidas e piquetes que tiram, desse movimento, qualquer espontaneidade. O que os jornais registram são decisões sendo tomadas por uma minoria em detrimento de uma maioria inclinada ao entendimento conciliador. Enquanto menos de 400 compareciam a um estádio de futebol para decretar a continuidade de sua greve, inequivocamente insuflada por políticos, mas de 1000 buscavam a proteção policial para poderem exercer o mais sagrado de todos os direitos: o de ir e vir".

### **SERENIDADE E BOM SENSO**

A posição advogada por Marcelino Romano Machado — para quem todas as reivindicações trabalhistas são justas "desde que as empresas tenham condições de atendê-las" — é de serenidade e de bom senso.

"Não devem os trabalhadores — observa — aceitarem ser manobrados ao sabor de conveniências de políticos e nem se iludir com esses que, como verdadeiros vampiros, alimentam suas carreiras políticas com o sangue e o sacrifício de uma gente boa, humilde e que quer apenas condições de sobrevivência condigna. A agitação é coisa de agitador — muitos dos quais profissionais — e não dos bóias-frias."

A idéia do Fundo de Solidariedade, no entendimento de Marcelino "representa um mero paliativo e não deve ser levada a sério. O que o governo estadual deveria fazer era, isto sim, cumprir a sua promessa de gerar empregos em todo o interior de São Paulo". No seu entendimento "se esses políticos que vão a Guariba e outras cidades para agitar, semeando a discórdia e o ódio entre patrões e empregados, usassem tanto entusiasmo na busca de soluções, as coisas caminhariam muito melhor. Se somos pessoas civilizadas — indaga — o que nos impede de sentarmo-nos numa mesa de negociações na busca de um denominador comum?"

Apelando aos trabalhadores para que, mesmo intransigentes na defesa do que consideram legítimo, "não se deixem influenciar por maus conselheiros, aqueles que apenas pensam no seu destino político e não no bem estar do seu país". Marcelino adverte: "o caminho para o progresso e o desenvolvimento deve ser construído a partir do entendimento consensual de todos os brasileiros. Com ódios, ressentimentos e sem um mínimo de grandeza não se

chegará a lugar algum. A hora, é de desprendimento e negociação, com cada parte cedendo um pouco em função da harmonia social".

**(Página 3)**